TL 2201-101

COMISSÃO PARA OS DIREITOS DO POVO MAUBERE *

Comissão constituída para apoiar as posições de **Fretilin** na Sessão sobre **Timor Leste** do Tribunal Permanente dos Povos

Commission constituted to support the positions of **Fretilin** in the Session on **East Timor** of the Permanent Peoples Tribunal

DOC.Nº 10

TESTEMUNHOS SOBRE O GENOCIDIO

1- Relatório de JIM DUNN
2- Quantas pessoas morreram?
3- Cartas de Timor Leste
4- Recorte do Le Monde

Rua Pinheiro Chagas 77, 2.° esq.°
1000 Lisboa Portugal
☎ **57 47 18**

1 - RELATÓRIO DE JIM DUNN

JIM DUNN foi consul australiano em Timor durante alguns anos da década de 60. É o presidente do Conselho dos Direitos do Homem da Austrália e na altura da visita ao campo de refugiados em Lisboa (entre 5 e 23 Janeiro 77) era chefe da Secção de Negócios Estrangeiros do Serviço de Inquéritos Parlamentares. Por tener represálias sobre os familiares das testemunhas ouvidas manteve-as secretas. Mas, estamos certos, ninguém duvidará da autenticidade do que nele se descreve. Os subtítulos são da nossa responsabilidade.

MASSACRADAS ALDEIAS INTEIRAS DE MONTANHESES

Sobretudo eu queria falar com aqueles timores que tinham vivido algum tempo em Timor-Leste depois da invasão indonésia. Entre os refugiados há cerca de 25 timores desta categoria e tive conversas mais ou menos prolongadas com mais de metade deles. Vista a importância dos seus depoimentos, eu tentava estar atento a que os seus relatos fossem o mais exactos possível. Em cada conversa, insistia em que não exagerassem ou distorcessem os acontecimentos. No entanto, sem excepção, mencionavam os excessos cometidos pelas tropas indonésias quando entravam em vilas e aldeias. Alguns destes depoimentos provinham de pessoas que diziam ter estado presentes. Outros relatos que apontei provinham de fontes que pareciam de confiança - não tinham estado metidos na política em Timor-Leste e, no princípio, não se tinham oposto com energia contra a "integração". Segundo os meus informadores, muitas das tropas indonésias matavam à toa desde o primeiro ataque contra Dili.

Mas dois deles diziam que as matanças nas aldeias das montanhas vitimaram muito mais pessoas do que em Dili. Nas montanhas, diziam, aldeias inteiras foram dizimadas com o avanço das tropas indonésias para o interior. Contaram-me como os indonésios mataram uma família inteira, só porque tinham ouvido dizer que a família tinha dado uma galinha aos soldados da FRETILIN; famílias foram mortas a tiro quando os indonésios descobriram uma bandeira da FRETILIN na sua casa. Segundo um deles toda a população chinesa de Maubara e Liquiçá foi morta a tiro pelas tropas indonésias quando entravam nestas aldeias. Um timor que disse ter

acompanhado as tropas indonésias contou que, quando elas tomaram Renexio e Aileu, mataram todos os timores, excepto as crianças com menos de três anos, "porque tinham sido infectadas com a semente da FRETILIN". Outro contou-me também que os indonésios tinham morto a tiro mais de 150 pessoas na vila de Suai (na costa sul) porque tentavam impedir que as tropas indonésias violassem as suas mulheres.

2.000 REFUGIADOS MORTOS A TIRO

Havia poucos relatos em primeira mão sobre a situação fora dos territórios Balibó/Maliana e Dili. Um destes é proveniente dum timor que contou estar em Baucau quando os indonésios atacaram a cidade em 10 de Dezembro de 1975. Disse que ao princípio havia poucas vítimas, mas que mais tarde as tropas matavam muitos chineses a tiro. Segundo este informador, tinha havido muitas pilhagens e, em Baucau, muitas raparigas tinham sido violadas. Contava-me também que as lutas na área de Baucau/Lospalos/Viqueque tinham sido muito violentas no último ano, porque a FRETILIN efectuava lá operações intensivas.

Um timor falava sobre um acontecimento ocorrido perto de Lamaknan (Lakmaras), um local de Timor-Leste próximo da fronteira. Este informador disse que em Junho do ano passado, tinha ido de carro para esta área, onde as tropas da FRETILIN eram activas. Os indonésios incendiavam as palhotas dos refugiados timores. Quando os refugiados protestavam, os indonésios apontavam-lhes as espingardas. Segundo esta testemunha, que disse ter presenciado estes acontecimentos, as tropas tinham morto a tiro, calculava ele, 2.000 timores, dos quais alguns estavam de joelhos e outros tinham as mãos no ar. Entre as vítimas, dizia, havia mulheres e crianças.

Certo número de refugiados relatou os acontecimentos em Dili na altura da invasão indonésia e logo depois desta. Vários refugiados, tanto chineses como timores, estavam em Dili no momento da invasão e alguns ainda lá estavam em Setembro-Outubro do ano passado. Um deles passou duas semanas de Abril em Dili, enquanto pelo menos dois dos refugiados se encontravam entre os que tinham sido levados para Dili, a fim de participarem no "acto de livre escolha".

EXECUÇÕES JUNTO AO CAIS

Alguns timores contaram factos sobre o comportamento das tropas indonésias durante a invasão. Segundo várias testemunhas, havia em 6 de Dezembro, imediatamente antes da invasão, um pressentimento geral de que estava eminente um ataque indonésio. Unidades da FRETILIN retiraram-se para trás de Taibesse, em di-

recção às montanhas. Muitas pessoas fechavam-se dentro das suas casas, mas um grupo bastante grande dirigiu-se para a Igreja de Santo Antônio, perto do farol na avenida em frente do porto de Dili. A igreja era um bom posto de observação se houvesse uma invasão indonésia. Conforme os relatos dos refugiados, barcos de guerra bombardearam Dili antes do nascer do sol, e um grande número de aviões metralharam a cidade, sem causar grandes danos. Quatro pessoas, dois timores e dois chineses, referiram-se à violência indiscriminada das tropas indonésias. Duas das pessoas que se tinham refugiado na igreja contaram-me que os paraquedistas, logo depois de chegarem a terra, pouco depois do nascer do sol, começaram a abater a tiro pessoas que estavam na rua. Um refugiado contou que vários paraquedistas se afogaram, porque caíram na baía, em vez de poisarem em terra. Uma refugiada que se encontrava nesse momento na igreja contou.

Às 7 da manhã, disse ela, tinha visto como os paraquedistas indonésios abateram a tiro uma mulher na garagem da paróquia, ao lado da igreja, e duas outras em frente da igreja, apesar de elas levantarem as mãos ao ar. Mencionou os nomes de duas delas. A seguir as tropas indonésias ordenaram a todos os que se encontravam perto da igreja que entrassem.

Às 9 da manhã do dia seguinte estas pessoas e outras receberam ordem dos soldados indonésios para irem ao cais, onde estavam presas cerca de 27 mulheres, algumas timores, outras chinesas. Ela disse que um certo número de mulheres tinha crianças com elas e que todas choravam. Os indonésios arrancavam as crianças às mães e davam-nas à multidão. A seguir as mulheres foram abatidas a tiro, uma a uma. Os indonésios deram ordem aos presentes para fazerem a contagem.

Às duas horas da tarde 59 homens, chineses e timores, foram levados para o cais. Um deles era X cuja viúva, segundo me contava a minha informadora, se encontra agora com dois filhos na Austrália. Estes homens eram abatidos um a um. De novo os presentes tiveram de fazer a contagem. Foram cerca de 500, calculava ela. As vítimas deviam pôr-se na ponta do cais, de modo a que os corpos caíssem na água ao serem abatidos. Os soldados indonésios abriam fogo sobre os corpos na água, quando estes ainda davam sinais de vida. Muitos dos homens - tal como o tinham feito as mulheres antes de serem executadas - suplicavam aos indonésios, alguns de joelhos, mas ninguém do grupo foi poupado. Um outro informador contou-me que no dia seguinte os corpos deram à costa, em frente da casa do bispo, tendo os timores recebido ordens para os retirar daí. Estes informadores disseram-me terem ouvido dizer que as execuções no cais tinham continuado.

ÓDIO À BANDEIRA AUSTRALIANA

Houve um chinês que afirmou ter ouvido duma testemunha ocular dados àcerca desta matança cega. Viu como os indonésios abateram a tiro um grupo de dirigentes chineses, na rua, ao pé do Hotel Mimosa, e o condutor de um jip da Cruz Vermelha, que era conhecido como tal. Um outro relatou a matança de um grupo de trinta pessoas, no dia seguinte ao da invasão, no lado de fora do antigo quartel general da polícia militar. Havia vários relatos sobre o assassínio de um grande número de chineses, separados das suas famílias e a seguir abatidos a tiro. Uma destas execuções teria tido lugar na loja Toko Lay. O meu informador disse que os indonésios se tinham enfurecido ao verem a bandeira australiana hasteada no terceiro piso deste edifício. Subiram e abateram todos os homens que se encontravam numa das salas - ao todo 20 refugiados. No dia seguinte ao ataque jaziam cadáveres espalhados por toda a parte, em todas as ruas de Dili, sendo muitos deles de mulheres e alguns de crianças. Pelo menos dois refugiados em Portugal contaram-me ter recebido ordem das tropas indonésias para ajudar a arrumar os cadáveres.

Segundo um informador, um grande número de timores foram abatidos na área de Taibesse, onde os indonésios mataram famílias inteiras, apanhadas nas casas em que havia bandeiras da FRETILIN hasteadas. Outros contavam que os indonésios tinham morto muita gente perto do aeroporto, lançando simplesmente granadas de mão para dentro das casas. Outro mencionou um número de 60 pessoas mortas desta maneira. Conforme o testemunho de X foram os chineses quem mais sofreu durante os primeiros dias a seguir à invasão. Só no primeiro dia, disse ele, ouviu dizer que pelo menos 500 chineses tinham sido mortos pelas tropas indonésias. Além dos massacres na área do cais e do quartel general da polícia militar, segundo os meus informadores, grupos de pessoas foram abatidos conscientemente em Vila Verde, ao pé de Sang Tai Ho, Santa Cruz, ao pé da loja de Lay Ju Man, junto do antigo consulado australiano (onde um certo número de enfermeiras teria sido abatido), do lado de fora da casa de João dos Mártires, um antigo director da alfândega, e ao pé do antigo quartel general da Cruz Vermelaa Internacional.

ATÉ AS JANELAS FORAM ROUBADAS

Todos os refugiados disseram que os soldados indonésios, logo desde o primeiro dia da invasão, pilhavam em grande escala. Imediatamente a seguir à invasão, perto de Dili, conforme o relato de várias testemunhas, a maior parte da população da cidade recebeu ordens para se dirigir para um local junto do aeroporto. Quando regressaram às suas casas estavam completamente pilhadas e em certos

casos mesmo totalmente varias. Carros, rádios, móveis, serviços e talheres, até janelas foram levados para os barcos que estavam no porto e que mais tarde se afastaram de Timor. A maior parte dos carros deixados em Dili foram levados para bordo pelos soldados indonésios. A maior parte dos tractores que estavam na área de Dili também foram levados, segundo os informadores. As igrejas e o seminário também foram pilhados e os livros deste último foram queimados.

De acordo com as declarações dos refugiados, as execuções na área de Dili continuaram até ao fim de Fevereiro. Apenas o terreno das execuções tinha mudado do cais para Tasitalo, perto do aeroporto, diziam. Segundo um informador, ainda em 17 de Agosto do ano passado, algumas pessoas foram mortas por se terem recusado a participar nas festividades do Dia da Independência Indonésia. Uma informadora disse que conhecia pelo menos três das vítimas: entre as quais um chinês que ela conhecia bem. Conforme um depoimento, alguns indonésios, nomeadamente alguns oficiais, tentaram entre Março e Abril de 1976, melhorar as relações com a população local. Mas, segundo este informador, estas tentativas eram continuamente contrariadas pela continuação das pilhagens e pelas violações praticadas pelos soldados. Contaram-me que os soldados indonésios tinham o costume de agarrar raparigas jovens, carregá-las em camiões, para depois as violar. Também se acusava uma unidade especial de informação, que operava a partir do último andar do Hotel Tropical, de recorrer regularmente a torturas para obter informações sobre a FRETILIN. O oficial que chefiava esta "unidade de interrogações" era o major Yusman, que trabalhava sob as ordens do chefe supremo do serviço de informação de Timor-Leste, coronel Sinaga, um homem que, como se diz, é odiado e temido. Uma testemunha feminina disse conhecer duas mulheres que foram torturadas para se lhes arrancar informações sobre a FRETILIN. Disse que foram despidas até estarem nuas e que os seus seios foram queimados com cigarros. Disse também que foram utilizados choques eléctricos nos seus corpos.

Disseram-me que Dili se tinha tornado relativamente segura depois de Abril, embora ainda se pudessem ouvir tiros durante a noite. X disse-me que quando foi de carro de Dili para Z (distanciado mais ou menos 5 Km da cidade), em Abril de 1976, o seu jipe era acompanhado por três blindados e um camião cheio de soldados. Durante a viagem apanharam alguns tiros e os soldados indonésios insistiram em estar de regresso antes da noite cair. Embora Dili estivesse relativamente calma depois de Abril, os refugiados falavam de uma crescente falta de alimentos. Uma mulher que deixou Dili em Setembro disse que as relações entre os indonésios e a comunidade timor e chinesa eram muito más quando ela partiu. Disse também que havia muito pouca alimentação disponível para a população de Dili,

e que quase nada era posto à disposição das pessoas de fora da cidade. Disse que era possível obter uma ração de três pequenas latas de leite condensado com arroz por semana, mas que as pessoas mais simples não podiam arranjar carne. Disse que se comia carne de cão, quando era possível encontrá-la. Algumas lojas estavam novamente abertas, mas sob a gerência de indonésios ou árabes (uma pequena comunidade islâmica na área de Dili que apoiava a Apodeti), mas o povo não tinha dinheiro para comprar o que estava à venda.

Todos os refugiados diziam que os indonésios continuavam a tomar uma atitude de hostilidade arrogante para com a população local. Em geral os timores tinham de fazer continência quando falavam com os soldados rasos indonésios. Se recusavam batiam-lhes. Quando as casas já não tinham nada, os soldados indonésios viravam-se para os túmulos dos europeus e dos timores mais abastados. Contaram-me que os indonésios desenterraram o túmulo do Padre Martins em Maliana (há doze anos passei uma noite na missão dele) e arrancaram-lhe os dentes de ouro. Também os túmulos dos chefes das povoações eram escavados pelos soldados indonésios à procura de espólios (os chefes timores em geral são enterrados com uma parte das suas jóias).

Os refugiados disseram que o oficial indonésio mais graduado em Dili era o brigadeiro-general Dading. Era descrito como o "Panglima" ou comandante das forças armadas em Timor-Leste. Mas o comandante supremo era o major-general Moerdani, que quase sempre vivia em Kupang, segundo me contou um chefe da UDT. Outros oficiais de alta patente em Dili eram o coronel Sinaga e o major Anton Papilaya, que era um responsável altamente colocado no sector das informações. O general Dading vivia numa casa na área do Farol, que antigamente era habitada por um major português. Todas as casas da área do Farol, que antes eram habitadas por funcionários, estavam agora, conforme me disseram, ocupadas por tropas. Quando as delegações das Nações Unidas ou estrangeiras visitavam Dili, as tropas eram mandadas para fora da cidade ou vestidas à civil. Tanto o comando militar como o governo provincial de Araújo estavam instalados no palácio governamental. Os funcionários timores do governo provisório tinham no entanto pouco poder, porque Timor é dominado pelos militares que se encontram em cada escalão do governo.

Vários refugiados contaram-me que os indonésios tinham instalado um cemitério de guerra numa praça em frente do cais. Um deles disse que havia mais de 60 campas neste cemitério, e que além deste ainda havia cemitérios em Maliana, Ainaro, Baucau e Batugadé. Em Maliana viu a campa dum brigadeiro-general. Um timor disse que em Dili havia quase 1000 campas indonésias e que um dos mortos

era um tenente-coronel. Segundo estes relatos, mais de 3000, talvez mais de 5000 soldados indonésios foram mortos nas lutas em Timor-Leste. Disseram-me que a resistência da FRETILIN (e numerosos membros da UDT e mesmo da APODETI tinham-se juntado à FRETILIN depois da invasão, segundo me disseram), era de tal maneira uma realidade, que o governo indonésio apenas se estendia até alguns quilómetros fora dos centros populacionais. A terrível matança cega tinha afastado a população e provocara um grande apoio à FRETILIN por parte do povo.

Perguntei aos chefes da comunidade dos refugiados se era possível que tivessem sido mortas em Timos-Leste 100.000 pessoas. Todos me disseram que este número era crível, tendo em conta os massacres generalizados nas regiões montanhosas e os grandes bombardeamentos (contava-se que nos últimos meses se usava napalm). Muita gente tinha abandonado as grandes cidades e as aldeias e encontrava-se agora nas montanhas, em áreas que estavam mais ou menos sob administração da FRETILIN. Os timores diziam que havia em Setembro mais ou menos 30.000 indonésios em Timor-Leste. A última informação relacionada com a situação em Timor datava de Novembro. Um chinês que tinha deixado Dili naquela altura disse que com o começo da época das chuvas a situação de insegurança tinha piorado. A alimentação era muito escassa em Dili, porque não podia ser transportada das áreas onde era produzida.

INFORMAÇÕES SOBRE OS JORNALISTAS AUSTRALIANOS MASSACRADOS OU DESAPARECIDOS

Um certo número de timores deram informações sobre o incidente de Balibó e a sorte de Roger East. Entre estas testemunhas encontravam-se chefes de Y e timores que diziam ter estado em Balibó no dia do ataque, durante o qual os cinco jornalistas australianos foram mortos, ou seja na quinta-feira, dia 16 de Outubro de 1975 - outros passaram lá algum tempo depois do incidente e forneceram informações em segunda mão, sobre como os jornalistas foram mortos.

Sublinharia uma vez mais que não é minha intenção empreender um inquérito particular sobre a morte dos jornalistas mas, como estava em Timor na altura do incidente de Balibó e sabia alguma coisa sobre os seus antecedentes, parece-me oportuno recolher esta informação.

Um dirigente afirmou que o ataque de 16 de Outubro de 1975 a Balibó e Maliana foi a primeira grande intervenção militar indonésia em Timor, ainda que anteriormente, a 6 de Outubro, as forças indonésias tenham atacado Batugadé e forçado as tropas da FRETILIN a retirar para Balibó. Disse que o ataque a Balibó e Maliana foi uma operação indonésia totalmente sob o comando do coronel Dading (mais tarde promovido a Brigadeiro-General). O ataque mesmo a Balibó foi reali-

zado sob o comando de um general Leo ou Leos. Poucos timores - entre 50 a 100 - foram com os indonésios limitou-se ao de carregadores e guias. Estes eram conduzidos por Tomás Gonçalves que anteriormnte e durante vários meses tinha sido ul lider da Apodeti no Timor Indonésio. Este informador disse que ele próprio não tinha ido a Balibó por essa altura, mas que de acordo com informações que tinha recebido daqueles dos seus homens que tinham acompanhado os indonésios, o relato de Martins era na generalidade verdadeiro. Disse que pelo menos dois dos jornalistas foram deliberadamente mortos pelas tropas indonésias. Também afirmou que que os indonésios tinham colocado dois dos corpos atrás de uma metralhadora e os tinham fotografado com o objectivo de utilizar a fotografia como prova de que os jornalistas tinham lutado ao lado da FRETILIN. Disse que embora não fosse uma testemunha tinha visto a fotografia; mais tarde disseram-lhe que Bakin (corpo coordenador dos serviços secretos indonésios) tinha decidido não a utilizar. Este informador e dois outros refugiados (incluindo um padre) disseram-me que João Tavares (um antigo lider da UDT que se juntou aos indonésios e agora é o Bupati de Maliana) estava em Balibó na altura em que os jornalistas foram assassinados e tirou um relógio de um dos jornalistas mortos e uma máquina fotográfica de outro corpo. Um timor disse que ele esteve na povoação após os assassinatos. Afirmou que tinha visto os corpos de pessoas que julgou serem os jornalistas na casa de Lay Fah Nhang. Posteriormente os corpos foram transportados para outra casa e foram queimados. Também disse que tinha ido com os indonésios a Balibó e que tinha visto um jornalista morto por um soldado indonésio cujo primeiro nome pensava ser Gabriel. Disse que dois jornalistas tinham sido mortos dentro de casa e outro fora.

Um timor forneceu algumas informações acerca do assassínio dos jornalistas. Disse que embora não estivesse em Balibó na altura do ataque era do conhecimento geral que os jornalistas tinham sido mortos na casa de Lay Fah Nhang. Ele estava em Balibó quando alguns diplomatas australianos visitaram a cidade para investigar a morte dos jornalistas. Disse que os indonésios ordenaram aos timores que se afastassem do centro da cidade. As tropas indonésias estavam vestidas à civil e foram elas que receberam os diplomatas australianos, de acordo com este testemunho. Disse que ele próprio foi impedido de se aproximar e de falar com os australianos, por ordem dos indonésios. Segundo ele, o único timor que falou com os australianos foi João Tavares, actualmente Bupati no distrito de Maliana. Disse que os diplomatas não foram conduzidos à casa onde os jornalistas tinham sido mortos, mas para outra casa, a casa de Lay Cam Nhang. Também referiu que João Tavares tinha tirado dos corpos dos jornalistas algumas coisas, entre elas um relógio e uma máquina fotográfica.

Um outro timor informou-me que um grande amigo dele tinha acompanhado os indonésios no seu ataque contra Balibó. Disse que lhe tinha contado que tinha visto un jornalista no terreno em volta da casa e dois outros com as mãos no ar. Segundo este timor, o amigo dele contou-lhe que tinha visto estes dois jornalistas a serem mortos pelas tropas RPKAD. Por fim houve ainda um relato de un timor que disse que ia para Balibó mesmo no momento do ataque, na manhã de 16 de Outubro. Entrou na aldeia pouco antes de as tropas lá chegarem. Entrou na casa de Lay Fat (também chamado Lay Fah Nhang) e viu vários cadáveres no chão. Um australiano, no entanto, não estava morto. Corria sangue duma ferida na cabeça, mas estava sentado, direito, e falava para um gravador ou para um rádio. Enquanto estava no quarto entrou um soldado indonésio e abateu a tiro o australiano ferido. Uma outra informação veio através de X que disse que tinha ido com Tomás Gonçalves para Balibó e que tinha visto os cadáveres dos jornalistas, que naquele momento jaziam em frente da casa de Lay Fah Nhang. Disse que não podia aproximar-se dos cadáveres.

Sobre Roger East (1) ouviu apenas uma coisa. Supõe-se que se encontrava em Dili no dia 7 de Dezembro de 1975. Um chefe timor disse-me que, embora não tivesse informações em primeira mão sobre o que tinha acontecido a East, ele tinha visto o passaporte dele juntamente com umas folhas de apontamentos sobre uma aterragem de paraquedistas. O meu informador disse que um funcionário lhe tinha dito que as tropas indonésias tinham abatido East e alguns timores num apartamento en Dili, entre o Sporting Club e o BNU (Banco Nacional Ultramarino) em 7 ou 8 de Dezembro de 1975.

---

(1) Só em 1980 foi possível obter certezas acerca das circunstâncias em que ocorreu o assassínio de Roger East, jornalista australiano fundador do "East Timor News". Jill Jilliffe, jornalista australiana correspondente em Lisboa dos diários Guardian (Grã-Bretanha) e Camberra Times (Austrália) e que saiu de Timor-Leste precisamente em 2 de Dezembro de 1975, conseguiu localizar duas testemunhas oculares, entretanto chegadas a Portugal, que certificaram ter o assassínio ocorrido no cais do porto de Dili, conjuntamente com outros timores, entre eles Isabel Lobato, mulher do Presidente Nicolau Lobato.